



**ARTIGO**

por Josemar Dantas

# DESIGUALDADE E EDUCAÇÃO

O panorama não exige esforço para ser entendido. Ante o trepidante ritmo no avanço das novas técnicas de produção e das inovações científicas não é possível ao Brasil desenvolver-se na escala de semelhante revolução. E não é possível porque lhe faltam os quadros humanos habilitados a produzir e manejar os instrumentos da tecnologia. Não há profissionais assim qualificados em razão de um sistema educativo incapaz de formá-los. A confissão sobre a insuficiência e péssima qualidade do ensino no país colheu-se com a decisão da presidente da República de enviar ao exterior 100 mil universitários. Deverão ser inscritos em unidades de ensino superior para se especializar.

Todavia, mediante metodologia um tanto cabalística de agência de avaliação de riscos de Londres — a Economist Intelligence Unit (UIA) — o Brasil foi alçado à 6ª economia do mundo. Não se ignore que, em 2011, o agronegócio contribuiu com 22,4% para a formação do PIB brasileiro e o setor de serviços com 60,3%. A participação da indústria não foi além de 14,3%, recuo ao nível de 1956 (dados de 2011 do IBGE). Conclui-se, pois, que o desempenho industrial, segmento indicativo do menor ou do maior grau de consistência econômica de qualquer país, não passou de um percentual pífio. A invocação de tal cenário se justifica porque a elevação do Brasil no ranking das economias mundiais fundamentou-se no valor do PIB.

Trata-se de retrato que exhibe o Brasil com o perfil de república bananeira, eis que parte substancial da riqueza apurada procede da exportação de produtos agropecuários — não da produ-

ção e exportação de equipamentos industriais, em particular bens de capital. Caso a construção do ranking tomasse como fundamento a renda média per capita da população, não estaríamos na posição em que nos colocou a UIA.

O relatório “Estado das Cidades da América Latina e do Caribe 2012”, divulgado pelo programa ONU-Habitat, veio demonstrar que o PIB não é a principal fotografia técnica capaz de exibir o nível de desenvolvimento de uma nação. Avaliá-lo requer estabelecer o quanto contribui para propiciar adequada ascensão dos contingentes sociais menos afortunados. Do contrário, o desenvolvimento representará apenas crescimento econômico em proveito das minorias endinheiradas. Aí está a verdade revelada pelo ONU-Habitat.

A renda média per capita anual no Brasil é de US\$ 11,6 mil. Na Inglaterra, que foi considerada economia inferior à brasileira pela UIA, é de US\$ 40 mil. No Chile e no México — US\$ 20 mil. O informe da ONU-Habitat situa o Brasil como o país mais desigual da América Latina e do Caribe. Só não é mais injusto do que Guatemala, Honduras e Colômbia. Portanto, a UIA atribuiu a um país com população afundada em grande parte na pobreza, — o Brasil — o título de sexta economia global. A imagem colhida pela ONU traduz a omissão do governo de aditar às políticas clientelistas oferta de educação de qualidade e investimentos, sobretudo do BNDES, para a expansão econômica das áreas mais carentes do país — causa principal de o Brasil ocupar a rabeira da desigualdade social na América Latina e Caribe.